

EDUCAÇÃO E UTOPIAS

*João Matos**

Corria o ano de 1516 quando, em Lovaina, conhecia a luz do dia a obra *Libellus vere Aureus nec midnus salutaris quam festivus de optimo reipublicae statu de que noua Insula Utopia*, isto é, *Um verdadeiro livro de ouro, não menos benéfico que interessante, sobre o melhor estado da comunidade e nova ilha da utopia*. Nome demasiado comprido, foi por isso, logo na segunda edição e com o acordo do seu autor, reduzido ao simples *Utopia*, nome pelo qual ela é hoje conhecida. Era seu autor sir Thomas More ou Tomás Morus, canonizado em 1835, três séculos após ter sido mandado decapitar por Henrique VIII na sequência do litígio entre eles surgido aquando da criação da igreja anglicana. Cerca de 100 anos após a *Utopia*, em 1623, foi a vez de *Civitas Solis Poetica Idea Reipublicae Philosophicae*, que as traduções simplificaram para *A Cidade do Sol* do frade dominicano Tomaso Campanella.⁽¹⁾ É fundamentalmente com base nestas duas obras⁽²⁾ que irei tecer algumas considerações e comparações sucintas para, no final, mostrar as perspectivas de modelos educativos nelas propostos.

Se sonhar é próprio do homem e se é sonhando que o homem constrói o mundo, também é verdade que essa construção poderá não ser, e a maioria das vezes não o é, imediata. E alguns desses sonhos não passarão disso mesmo, não passarão nunca de projectos mais ou menos quiméricos, irrealizáveis, inconcretizáveis no nosso tempo e/ou no nosso espaço, ou então concretizáveis na terra de nenhures em "dia de são nunca à tarde". Utópicos e ucrónicos.

E se sonhar é próprio do homem, períodos haverá na vida desse mesmo homem mais propícios a essa actividade que outros. Serão eles os de sofrimento, de prisão ou de escuridão sem perspectiva alguma de melhoria, e aqueles outros em que se vislumbra algo, em que se abre, se começa a abrir, uma porta, em que a luz que penetra na caverna estimula a imaginação. Não a suficiente para se saber, para conhecer o novo, mas bastante para libertar de certas grilhetas e

* Docente da ESE de Beja

justificar, aceitar e permitir a efabulação com efeitos de real, a construção com doses de verosimilhança, a criação do possível.

Em certa medida poderá ser isso que aconteceu nos anos de quinhentos, quando a Europa começa a ser "invadida" por notícias sobre Novos Mundos descobertos, alguns deles com práticas sociais assaz diferentes das do Velho⁽³⁾. Por algum motivo Tomás Morus coloca a sua *Utopia* na boca de um viajante português, um tal, etimologicamente falando, «distribuidor/divulgador de imprudências», isto é, Hitlodeu, Rafael de sua graça⁽⁴⁾. Pelo menos torna mais verosímil o que vai relatar⁽⁵⁾.

O mesmo não se poderá dizer, pelo menos tão afirmativamente e no que a verosimilhança de respeito, de Campanella, pois o seu "informador" é um almirante genovês.⁽⁶⁾ A não ser que, subliminarmente esteja/seja Cristóvão Colombo, este sim, e ao que tudo indica, nascido em Génova.⁷ Por seu turno, o nome da ilha próxima da Cidade do Sol, que o almirante situa lá para as índias⁸ e diz chamar-se Taprobana, transmite-lhe algo dessa verosimilhança. Na realidade, a ilha da Taprobana (assim chamada pelos romanos, e também por Camões em *Os Lusíadas*⁽⁹⁾), a ilha do Ceilão (portugueses), Serendip (árabes) e Hsi-Lan (chineses) é, hoje, o Sri-Lanka.

Criadas como contraponto a uma realidade detestada, quiçá para indirectamente a denunciar e pôr a nu, as sociedades idealizadas, as utopias, contêm em si o gérmen do possível, ou seja, "uma utopia é uma possibilidade que pode efectivar-se no momento em que forem removidas as circunstâncias provisórias que obstam à sua realização"⁽¹⁰⁾.

E serão possíveis essas sociedades? Serão realizáveis no terreno? Como se estruturam elas? Que propugnam elas, visando, como todas as teorias sociais aliás, o bem estar do homem, a felicidade do homem, a alegria?

Aspecto mais ou menos comum aos dois textos, para não dizer comum a todas as utopias (desde a *República*, de Platão, às mais recentes obras nessa linha, como por exemplo *O Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, ou o *1984*, de George Orwell - estas duas mais anti-utopias? - passando por outras mais conhecidas como *De Civitate Dei*, de Santo Agostinho, ou *A Nova Atlântida*, de Francis Bacon, e não esquecendo as aqui em estudo) é o visarem elas a igualdade e a justiça, ou todas elas nos mostrarem sociedades igualitárias. A igualdade atinge-se, na maioria dos casos, pela eliminação pura e simples ("par décret", nas palavras de Ramiro M. Hernández⁽¹¹⁾) da propriedade privada⁽¹²⁾ e a justiça, se por um lado deriva e está implícita na igualdade de todos perante tudo⁽¹³⁾, por outro deriva, também, da simplicidade e quantidade muito pequena de leis, o que fáculata e é propiciador de igualdade dos cidadãos em situações de justiça

por evitar/impedir a existência de advogados, clara e expressamente proibidos em *Utopia*, omitidos em *A Cidade do Sol*.⁽¹⁴⁾

Igualdade e justiça que se manifestam nas mais diversas actividades e práticas sociais, desde o trabalho ao lazer, desde a guerra à religião, à família (ou mais propriamente à procriação), à educação.

No geral, pode afirmar-se que as várias tarefas são distribuídas equitativamente, embora algumas delas possam ser interditas a este ou àquele grupo:

"Mas, na Cidade do Sol, por ser igual a distribuição dos mestres⁽¹⁵⁾, das artes, dos empregos, das fadigas, cada indivíduo não trabalha mais de quatro horas por dia, consagrando o restante [...] a toda a espécie de exercícios agradáveis e úteis, tanto ao corpo como à mente"⁽¹⁶⁾;

"[...] a agricultura [...] é conhecida e praticada por todos [...]. Nesta ilha [...] destinam-se ao trabalho apenas seis horas [por dia]"⁽¹⁷⁾;

"[...] é proibido aos cidadãos livres o exercício da profissão de magarefe", que é exercida pelos escravos⁽¹⁸⁾;

"A música, ao contrário, é permitida somente às mulheres"⁽¹⁹⁾.

Contrariamente à *Cidade do Sol*, o sistema educativo apresentado na *Utopia* é bastante vago e indefinido, ficando o leitor sem uma ideia clara do pensamento de Tomás Morus sobre o assunto⁽²⁰⁾. Observa-se, contudo, um certo privilegiar da vertente ciência ou, melhor dizendo, que a educação dos utopianos está mais virada para a ciência que para a especulação abstracta⁽²¹⁾. Curiosamente, nesta passagem detecta-se uma forte dose de ironia na comparação que faz com alguns saberes europeus, e com algumas práticas europeias, onde predominava a escolástica:

"[...] são muito inferiores aos nossos retóricos modernos, pois não inventaram ainda essas regras subtis da restrição, amplificação e suposição, tão espiritualmente inventadas pelas escolas de lógica e que as nossas crianças aprendem. Também não conseguiram chegar às ideias segundas, e nem mesmo um só dos Utopianos conseguiu alguma vez ver o homem em geral, que entre nós nos apontam e mostram como o maior dos gigantes. Em contrapartida..."⁽²²⁾.

Por seu turno, Tomás Campanella aborda a educação, o sistema educativo, de um modo mais preciso e claro, que qualifica de excelente⁽²³⁾. E embora não sendo matéria muito desenvolvida, é-o o suficiente para nos apercebermos da sua estrutura e desenvolvimento e, até certo ponto, das ideias a essa prática, a

esse modelo educativo subjacentes; é-o o suficiente para nos apercebermos da sua modernidade.

Não há, nem em abono da verdade poderia haver, discriminação educativa, tanto nas matérias aprendidas como em quem as aprende⁽²⁴⁾, embora possam ser, sejam, a partir de determinado momento orientados⁽²⁵⁾; se a aprendizagem se inicia, depois do primeiro e antes do terceiro ano de idade, pela aquisição de competências na área da língua materna, e aqui queremos realçar a referência ao aspecto lúdico contido nessa aprendizagem⁽²⁶⁾, pouco tempo depois já o exercício físico ("luta, corrida, disco, ginástica") complementa a actividade intelectual para, de seguida, "serem conduzidos às diferentes oficinas das artes - sapateiros, cozinheiros, serralheiros, pintores, etc."⁽²⁷⁾ Aos sete anos de idade, adquiridas já algumas noções matemáticas, iniciam-se no estudo das ciências da natureza, após o qual vão abordar as matérias mais difíceis, como "as matemáticas sublimes, a medicina e outras ciências"⁽²⁸⁾. Como se verifica, o sistema de ensino divide-se, ou pelo menos parece dividir-se, em três níveis, que poderíamos classificar, entre muitas possíveis, de pré-escolar, escolar obrigatório e superior.

Aspecto importante a assinalar, até por aquilo que se poderá chamar de novidade metodológica, é o da utilização, na prática educativa, da observação directa do fenómeno a estudar, sempre que ele seja possível.⁽²⁹⁾

Mas quanto a nós a maior novidade, rasando a antevisão (e o que são as utopias senão, ou também, o mundo do futuro possível?), e a razão primeira desta comunicação, é a da explicação das matérias ser suportada por imagens, ao que poderíamos chamar "utilização de técnicas audiovisuais"⁽³⁰⁾ *avant la lettre*. Eis algumas passagens mais significativas:

"Há professores que explicam estas pinturas e habitam as crianças a aprender sem fadiga, quase que a modo de divertimento, todas as ciências";

"Adquiridas já as noções matemáticas mediante as pinturas nas muralhas";

"[...] a qual [aprendizagem] é facilitada pelo exercício e pelas pinturas";

As artes "especulativas [são exercidas/ensinadas] em cima das sacadas, onde se distinguem as mais preciosas pinturas";

"[...] a estudar as histórias expostas pelas pinturas"⁽³¹⁾.

As utopias visam, antes do mais, inventar espaços onde o homem seja e se sinta feliz. Concepções ideais para sociedades ideais. Essa é, creio, a intenção fundamental do seu autor.

Na realidade, constata-se que, pelo menos nas propostas apresentadas, todos os problemas estão de antemão resolvidos, solucionados. Há resposta para tudo. Há igualdade, há justiça. Há alegria, há prazer. Há companheirismo, há solidariedade.

Sonhadas num determinado momento e fruto de certas e concretas circunstâncias, as utopias foram, são, projectos para lugares nenhuns. Nas mentes dos seus autores, sim. E nas dos seus leitores? Inconcretizáveis? Irrealizáveis? Fantasistas?

Quimeras por uns imaginadas, por outros tidas como possíveis, por alguns, poucos, experimentadas⁽³²⁾.

Um dia, um país cantou
"e sempre que o homem sonha
o mundo pula e avança"
e uma parte do sonho tornou-se realidade.
E as utopias?
"Nenhures era uma vez meu nome
Isto é, uma terra onde ninguém vai.
A República de Platão reclamo agora
Para jogar e vencer o seu jogo,
pois isso era simples mito em prosa.
[...] Eu tornei-me
Dos homens, riqueza, leis de sólido estado,
Um lugar onde todo o sábio vai:
Algures é agora o meu nome."⁽³³⁾

NOTAS

- (1) Tomaso Campanella nasceu em Calábria em 1568 e morreu em Paris em 1639. Fez parte de movimentos contra Espanha, na sequência dos quais foi preso em 1599 e condenado a prisão perpétua, mas solto em 1629. A Cidade do Sol foi escrita, portanto, na prisão.
- (2) Utilizei as seguintes edições:
Tomás Campanella, *A Cidade do Sol*, Lisboa, Guimarães Editores (Colecção Filosofia e Ensaios), 1990, (traduzida do italiano por Álvaro Ribeiro);

Tomás Morus, *A Utopia*, Lisboa, Guimarães Editores (Coleção Filosofia e Ensaio), 7ª ed. 1990, (tradução de José Marinho; notas e posfácio de Pinharanda Gomes);

Thomas More, *Utopia*, Mem Martins, Publicações Europa-América (coleção livros de bolso europa-américa nº 49), s/d, (tradução e prefácio de Maria Isabel Gonçalves Tomás).

- (3) Repare-se nas "utopias" que saíram nos anos de 500:

T.MORUS, *Utopia*, 1516; ROSEO, *Garamantes*, 1543; DONI, *Mondsage*, 1552; PATRIZI, *Cité Heureuse*, 1552; STIBLIN, *Republique Heureuse*, 1553, AGOSTINI, *Republique Imaginaire*, 1588, RABELAIS, "*L'Abbaye de Theleme*", em *Gargântua*, 1534.

Dos anos 600, são mais 10...

- (4) Aspecto interessante e a considerar em outros comentários é o da "significação" etimológica dos nomes utilizados por Tomás Morus, numa boa parte invenção sua, e a contribuição que esses nomes inventados trazem à interpretação genérica desta obra. Repare-se, por exemplo, nesta meia dúzia:

UTOPIA: *ou-* (não) + *topos* (lugar);

HITLODEU: *hithlos* (imprudência) + *daios* (divulgador);

AMAUROTA (o nome da cidade capital): *amauros* (obscuro, de sonho), portanto, cidade de sonho, quimera.

ANIDRO (rio): *an-* (sem) *hidro* (água);

SIFOGRANTES (chefes de núcleos habitacionais): *supheos* (pocilga) + *kantor* (chefe)

ADAMOS (príncipe): *a-* (sem) + *demos* (povo)

- (5) Tomas Morus diz ter sido em Antuérpia, em casa de Pedro Giles, ou Pedro Egídio - amigo também de Erasmo -, que conheceu Mestre Rafael, corria o ano de 1515. Ora era em Antuérpia que estava sediada, desde os anos 80 do século anterior, a feitoria portuguesa da Flandres, centro de intercâmbio comercial, e certamente que não só...

- (6) De notar que Génova, república comercial-marítima, perdera, à data, algum do seu poderio, o qual, inclusivamente, não fora de âmbito mundial, como o português tinha sido e eram ou pretendiam ser agora, inícios do século XVII, o espanhol, o inglês e o holandês.

- (7) Há algumas teses que defendem ser ele português e “espião” a soldo de D. João II. Estas teses não são aceites pela grande maioria da comunidade científica.
- (8) "Aquele povo encontra-se ali vindo da Índia", *A Cidade do Sol*, p.22.
- (9) "Passaram ainda além da Taprobana", I.1; "Taprobana (que ora é Ceilão)", X.107.
- (10) Maria Isabel Gonçalves Tomás, "Introdução" a Thomas More, *Utopia*, seguindo a opinião de Robert Musil, romancista alemão.
- (11) *L'imaginaire mythique et symbolique des utopies*, *Anuário de Estudos Filológicos*, XIV, Universidad de Extremadura (separata), Cáceres, 1991.
- (12) "...e, todos de acordo, determinaram [pôr] todas as coisas em comum, de modo que ninguém pode apropriar-se da parte que cabe aos outros." *A Cidade do Sol*, p. 22;
"Aqui nada é particular, o bem comum é considerado com o maior cuidado. [...] Em contrapartida, todas as coisas são comuns e ninguém sente a falta do necessário para o seu uso [...]." *Utopia*, PEA, p. 137.
"l'impitoyable Propriété, mere de tous les crimes qui inondent le reste du monde, leur étoit inconnue" *Basiliade*, Morelly 1753.
Mais uma informação: no *tableau synoptique* que surge em B. Cattarinusi, *L'organisation sociale en utopie*, constata-se que, das 40 utopias referenciadas, 23 propõem a abolição da propriedade privada.
- (13) "O próprio príncipe não se distingue dos outros cidadãos por vestuário principesco, nem por coroa, diadema real ou manto, mas por um pequeno feixe de trigo que leva consigo", *Utopia*, PEA, p. 137.
- (14) "Possuem apenas um número muito restrito de leis, pois [...] poucas leis são necessárias. [...] Têm como suprema injustiça que se obrigue um homem a obedecer a leis que não consegue conhecer [...]. Excluem ainda mais rigorosamente os advogados [...]. Na Utopia, no entanto, todos são advogados hábeis, pois é pequeno o número de leis que os regem e a sua interpretação mais simples e vulgar é considerada a mais justa." *Utopia*, PEA, p.110;
"Não possuem cárceres [...]. Não se escreve o libelo vulgarmente chamado processo, mas apresentam-se ao juiz e à Potência o acusado e as testemunhas.

O primeiro pronuncia a sua defesa e, em seguida, o juiz condena-o ou absolve-o; [...] é requerido, como prova de um delito, o testemunho de cinco pessoas [...]. As leis desse povo são poucas, breves, claras, [...]" *A Cidade do Sol*, pp. 62-64. Inference, here, by the absence in *A Cidade do Sol* of "professionals of the law", prohibited in Utopia.

- (15) Estaremos perante um erro por haplografia ocorrido sobre a forma "mesteres"? Na realidade esta parece ser mais correcta, pois significando "ofícios, profissões, etc." adequa-se melhor à frase que a forma registada (esta remete-nos para cargos profissionais - mestres são dirigentes, professores, peritos, etc.- e não para actividades profissionais, que são as referidas). Este erro, a sê-lo, poderá ter surgido na tipografia, pois o termo "mesteres" pode ser considerado quase uma *lectio difficilior* nos dias de hoje, por ter caído em desuso. Repare-se, ainda, que o termo "mestres" surge, por exemplo na página 37, na aceção de professores: "Depois disso, as meninas são entregues às mestras e os meninos aos mestres", com os quais vão aprender os alfabetos, etc. Noutras páginas surge com na aceção de "especialistas" e "chefes".
- (16) *A Cidade do Sol*, p. 41.
- (17) *Utopia*, PEA, pp.70-71.
- (18) *Utopia*, p. 78.
- (19) *A Cidade do Sol*, p. 31.
- (20) Pouco mais diz que estas generalidades : "[...] a educação liberal é ministrada a todas as crianças. A maior parte do povo [...] durante a vida inteira consagram ao estudo as horas de lazer [...]" *Utopia*, PEA, p. 89.
- (21) "Em contrapartida, no que se refere ao curso dos astros e aos movimentos das esferas celestes, são peritos excelentes e hábeis.", *Utopia*, PEA, p. 90.
- (22) *Utopia*, PEA, p. 89-90. A continuação do texto está na nota 21.
- (23) "[...] a excelência dos meios de instrução", p. 29.
- (24) "Todos, sem distinção, são educados juntos em todas as artes", *A Cidade do Sol*, p. 25.

- (25) "Depois desta idade [seis anos] dão início ao estudo das ciências naturais, depois a outras, conforme aos mestres pareça oportuno. [...] Quanto aos d meninos tardos de engenho, são eles expedidos para o campo", podendo ser readmitidos na cidade aqueles que progredirem. *Opus cit.*, p. 37.
- (26) "Começam, então, quase por divertimento, a aprender os alfabetos", *opus cit.*, p. 37.
- (27) *Opus cit.*, pp. 25-25.
É curioso verificar-se que o proposto por Campanella em inícios do século XVII é algo muito idêntico ao que hoje, finais do século XX, se procura implementar e generalizar, pelo menos entre nós: o ensino pré-escolar.
- (28) *Opus cit.*, p. 26.
- (29) "A agricultura e a pecuária são ensinados por meio da observação, e todos [...] dirigem-se para o campo para examinar e aprender [...]", *opus cit.*, p. 26.
- (30) De notar que a utilização de técnicas audiovisuais é uma novidade metodológica surgida na sequência do desenvolvimento das tecnologias audio e vídeo, e como resposta à televisão, e que foi há relativamente pouco tempo introduzida no ensino, não estando ainda completamente generalizada e totalmente assumida a sua prática.
- (31) *Idem*, páginas 21, 26, 27, 34 e 37.
- (32) Tomas Morus, Campanella, e outros, foram leituras, e estão nas influências sofridas por Saint Simon, Fourier, Phroudon. Estão, portanto, nas bases das correntes sociológicas e das ideologias socialistas. Eram, são, a Utopia e a Cidade do Sol demasiado idealizadas? Extraia-se delas esse idealismo excessivo, "materializem-se" alguns dos seus conteúdos, e eis Marx.
- (33) Versos sobre a ilha da *Utopia* atribuíveis a Anemolio, sobrinho de Hitlodeu (extracto).

